

## **Tuscaloosa, Alabama**

*J. Roberto Whitaker Penteado*

Esta cidade americana de 80 mil habitantes será a principal beneficiada da calamitosa decisão da DaimlerChrysler, empresa controladora da sua subsidiária do Brasil, de cessar a fabricação do seu automóvel Classe A aqui. Foi lá que, em 1997, a empresa multinacional investiu, inicialmente, 300 milhões de dólares para construir uma fábrica exclusiva para veículos da marca Mercedes-Benz, que deverá estar empregando 7 mil pessoas naquele estado americano e totalizando investimentos de 1,3 bilhões de dólares. A decisão pode ou não ter sido influenciada pelo fato de a Chrysler americana - antes da fusão com a empresa alemã - já possuir fábricas nas cidades de Huntsville e Vance, no mesmo estado.

Essas informações - disponíveis pela internet - colidem com informações divulgadas no Brasil, em 1999, de que a empresa estaria construindo, em Juiz de Fora, sua primeira fábrica de automóveis fora da Alemanha, com investimentos então declarados de US\$820 milhões.

Naquela ocasião, o mercado brasileiro de automóveis agitava-se com o lançamento - finalmente - de um automóvel com a marca MB, uma aspiração antiga que foi devidamente explorada, na campanha de lançamento do Classe A, pela W/Brasil, que mostrava, em um dos comerciais, como os consumidores brasileiros, que haviam viajado nas trazeiras dos caminhões e nos ônibus urbanos e interurbanos da marca (que colheu lucros continuados e polpudos em nosso mercado, com seus veículos de carga e transporte coletivo) podiam, então realizar o seu sonho, consubstanciado na proposta sedutora: "Você, de Mercedes"...

A empresa informa - a quem perguntar, como eu fiz - que "a decisão considera a conclusão do ciclo de vida do modelo" e que "está estudando a importação do modelo da segunda geração do Classe A, que passaria a integrar a linha de produtos importados oferecidos pela DaimlerChrysler do Brasil". Através da imprensa, foi divulgada também a intenção de relocar empregados da empresa, de MG para Tuscaloosa. Devem estar torcendo por isso, enquanto assistem, pela Globo, à novela América. Já ouvi, de gente que conhece o mercado, que o Classe A importado vai custar entre R\$ 70 e 100 mil.

A economia de mercado, também conhecida por "livre iniciativa", tem dessas coisas: não se pode impedir que alguém feche o seu negócio, como não se pode obrigá-lo a construir uma fábrica. Confesso que, na minha fantasia, imagino se um governo tão rigoroso com os deslizes fiscais de grupos brasileiros, como Daslu e Schincariol não poderia usar seu poder para dissuadir um investidor estrangeiro de fechar uma fábrica. Mas isso é outra área e outro assunto.

Conheço muitos proprietários de Classe A. Sabia-os satisfeitos com suas decisões de compra - feitas em cima das propostas e promessas que o nosso marketing e propaganda haviam feito, sob encomenda do cliente - e não eram poucos os que tinham a intenção de continuar com a marca e falar bem dela aos amigos. Uma pena, realmente.

São aspectos incômodos da "globalização" contemporânea, que, de forma quase previsível, parece ser uma estrada de mão única.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Tuscaloosa, Alabama. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=240&ID=282>>. Acesso em: 21 ago. 2009.